

Edição Especial

Economia Política do Desenvolvimento da China

APRESENTAÇÃO

por Isabela Nogueira*

Há transformações de grande monta em curso na dinâmica de desenvolvimento da economia chinesa e, portanto, da economia mundial. De maneira mais pronunciada, desde a crise financeira de 2008, são notáveis as mudanças no processo de acumulação de capital e de projeção de poder da mais nova potência global. A Nova Rota da Seda, as tentativas de internacionalização da moeda chinesa, as estratégias de inovação e *catch-up* tecnológico e de subida nas cadeias globais de valor, a consolidação de uma nova classe capitalista doméstica e o reposicionamento do Estado face a tudo isso são algumas dessas evidências. Essas transformações tornam o desafio de interpretá-las algo urgente para pesquisadores dedicados a analisar o que se passa e comprometidos com a formulação de estratégias e políticas públicas que façam face aos novos desafios colocados para a América Latina.

Este número especial da REC reúne contribuições de alguns dos principais pesquisadores do Brasil e do mundo no campo da economia política aplicada à China e que se dedicam aos temas acima. Com trabalhos de professores da Renmin University, John Hopkins University, UNICAMP, UERJ, UFRN, além da própria UFRJ, esta edição especial busca dar densidade ao debate brasileiro sobre o desenvolvimento recente da China e seus impactos no mundo a partir de diferentes matrizes críticas. O/a leitor/a encontrará os temas elencados acima sendo explorados a partir de três lentes teóricas: economia política internacional crítica, estruturalismo e marxismo. Em comum,

* Isabela Nogueira é professora do Instituto de Economia da UFRJ e coordenadora do Laboratório de Estudos em Economia Política da China (LabChina), do IE-UFRJ. É editora convidada desta edição especial da REC.

todos os artigos compreendem que a relação entre poder político e poder econômico são determinantes na dinâmica de acumulação dos países, e que as possibilidades de trajetórias de desenvolvimento de países periféricos como o Brasil estão condicionadas pelas transformações em curso na divisão internacional do trabalho e no tabuleiro internacional de poder.

Os sete artigos aqui reunidos são resultado dos debates feitos durante o seminário de lançamento do Laboratório de Estudos em Economia Política da China, o **LabChina**, que é um grupo de pesquisa baseado no Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional (PEPI) do Instituto de Economia da UFRJ. O seminário reuniu 20 palestrantes e mais de 300 participantes nos dias 09 e 10 de março de 2017 e as apresentações e os vídeos estão disponíveis no site do LabChina¹. Desde seu lançamento, o Laboratório conecta pesquisadores e estudantes de Economia, Ciências Sociais, Relações Internacionais e História dedicados a investigar a interação entre poder político e poder econômico na China nas dimensões nacional, regional e global, e busca analisar seus resultados e tensões do ponto de vista do padrão de acumulação, do conflito distributivo e das distopias do desenvolvimento capitalista.

O artigo de abertura, da própria editora, argumenta que a consolidação de uma classe capitalista doméstica e sua relação simbiótica com o Partido-Estado estão entre as transformações mais fundamentais da estrutura social chinesa na última década. O artigo critica as abordagens de fundo weberiano que enfatizam um suposto descolamento do Partido-Estado das dinâmicas de formação de classe. E escrutina os principais mecanismos de concentração de capital em mãos privadas e sua estreita imbricação com o regime de acumulação nas últimas décadas. O artigo de Hao Qi, da Renmin University em Pequim, é uma segunda contribuição marxiana a esta edição. Ele se dedica ao debate sobre o “novo normal”, muitas vezes referido como uma fase de crescimento mais modesto da economia chinesa desde a crise financeira global de 2008. Qi argumenta que o “novo normal” na verdade refere-se a uma fase de declínio da lucratividade de empresas privadas e estatais em função da estagnação da taxa de mais-valia e do aumento da composição orgânica do capital, e que sua superação exigirá mudanças estruturais em favor de um modelo de crescimento puxado pelos salários.

O artigo de Ho-fung Hung é um breve resumo das obras mais recentes deste professor de Economia Política da John Hopkins University. Hung é conhecido por questionar a interpretação dominante na heterodoxia de que a China representaria um modelo de desenvolvimento alternativo à ordem liberal. Ele ressalta os receios gerados pela ascensão política e econômica entre os países vizinhos da China. E aponta para a crescente competição entre potências em função da resistência dos Estados Unidos

¹ <http://www.ie.ufrj.br/labchina/>.

à expansão chinesa na Ásia, como no caso da Nova Rota da Seda. Os impactos dessas transformações para a América Latina são analisados na contribuição de Célio Hiratuka, do Instituto de Economia da UNICAMP, que também trata das transformações na economia chinesa a partir do “novo normal” pós-2008. A nova estratégia de desenvolvimento chinesa, segundo Hiratuka, tem implicado em novos vetores para o relacionamento bilateral via a intensificação nos fluxos de investimento e no financiamento dos projetos de infraestrutura. Os desafios para a América Latina frente a essas mudanças são de grande monta, sobretudo frente à necessidade de diversificar nossa estrutura produtiva e de sustentar o aumento do emprego, da produtividade, e dos níveis de renda da população.

Ernani Teixeira e Mirko Pose, ambos do PEPI/IE-UFRJ, se debruçam sobre outra mudança trazida pela fase atual do desenvolvimento chinês: o projeto de internacionalização da sua moeda. Segundo eles, a internacionalização do renminbi visa diminuir a dependência da China e de seus parceiros com relação ao dólar e aumentar a resiliência dessas relações frente às turbulências do sistema monetário internacional. Entretanto, argumentam os autores, trata-se de uma estratégia com caráter essencialmente defensivo e que não busca substituir o dólar como moeda principal do sistema monetário internacional em um futuro previsível.

Esther Majerowicz, da UFRN, em conjunto com Carlos Aguiar de Medeiros, nosso pioneiro nos estudos sobre economia política da China no IE-UFRJ e no Brasil, discutem a política industrial chinesa para semicondutores e sua conexão com a modernização militar. O artigo detalha o caráter estratégico dos semicondutores e seu uso dual (civil e militar) e demonstra que a China ainda está distante da fronteira tecnológica de produção e desenho desta indústria. O governo chinês tem feito uso de uma série de instrumentos, como compras públicas, mudanças na legislação e do poder de barganha do seu mercado doméstico, na tentativa de reverter essa posição. E tem acirrado a competição com produtores tradicionais. O artigo de fechamento de Elias Jabbour e Luiz Fernando de Paula, ambos da UERJ, recorrem a um arcabouço dos chamados pioneiros do desenvolvimento (Gerschenkron e Hirschman), em diálogo com Keynes e Rangel, para argumentar que o Estado chinês tem lançado mão de novas e superiores formas de planificação econômica desde a crise de 2008. Segundo eles, o desenvolvimento econômico na China pode ser explicado pelo surgimento cíclico de instituições que delimitam uma contínua reorganização de atividades entre os setores estatal e privado da economia. Com isso, a China conseguiria formar um espaço para formulação de suas políticas adequado à socialização do investimento em um ambiente internacional de finança globalizada.

Não há dúvidas de que esse ambiente global está se transformando rapidamente em função do crescimento econômico e do engajamento da China nas disputas estra-

tégicas centrais. Para países como o Brasil, é crucial avançar na compreensão tanto da dinâmica doméstica chinesa de acumulação quanto dos processos globais por poder. Isso porque essas disputas têm impacto direto na nossa própria dinâmica de acumulação interna, abrindo fissuras no sistema que limitam ou ampliam nosso espaço de manobra no jogo internacional ou ainda que nos colocam no centro de determinadas disputas. Espera-se que contribuições deste número contribuam para iluminar algumas dessas principais transformações em curso.

Boa leitura a todos/as.